

Palco

palco@timeout.com

Um teatro para ser ouvido

No festim Esta Noite Grita-se celebra-se o espírito do teatro feito de palavras. À 7.ª temporada, o ciclo de leituras interpretadas estende-se ao longo de três meses para devolver importância ao texto teatral. Ricardo Ramos Gonçalves quer ouvir, mas de olhos fechados.

A EXPERIÊNCIA é comum: "Há muita gente que, quando começa a leitura, fecha os olhos e assim permanece até ao fim", diz Miguel Maia. Mas o importante é ler em voz alta e para ouvidos bem atentos. Faz tudo parte da proposta imersiva do festim Esta Noite Grita-se, um ciclo de leituras interpretadas de textos de teatro, que regressa a partir de Outubro a vários locais de Lisboa (as bibliotecas Palácio das Galveias, Orlandino Ribeiro e de Alcântara, a Fábrica Braço de Prata, o Museu da Marloneta e a Fundação Calouste Gulbenkian) e, desta vez, com uma Incurião no Algarve (Biblioteca Municipal de Faro). À partida para a sua 7.ª temporada, os criadores querem cimentar a importância

do texto teatral, no qual a palavra permanece de pedra e cal.

O gosto por descobrir o texto por detrás de algumas das mais célebres peças de teatro, e o convívio que se gera em torno da leitura, é a premissa que levou Miguel a juntar-se a Filipe Abreu, numa iniciativa da companhia Cepa Torta, para criar este festim que é já uma marca de água: ao longo dos anos tem reunido um vasto leque de actores e encenadores; tem dado a descobrir novas vozes da dramaturgia; e tem criado um elo de ligação com o público que recebe estes textos, muitos deles inéditos em Portugal.

Não é por isso de estranhar que se estenda ao longo de tanto tempo. "Percebemos que as

pessoas voltavam e queriam ouvir mais", diz Filipe Abreu, recordando as primeiras experiências de leitura no já desaparecido Bar Prata e na Fábrica Braço de Prata. Nesta edição, que arrancou dia 1 de Outubro, as leituras prolongam-se até 14 de Dezembro. No total serão lidos cinco textos, entre eles a peça vencedora da 3.ª edição do Prémio Nova Dramaturgia de Autoria Feminina, para além da oficina de leitura para jovens e novos lançamentos no podcast do Esta Noite Grita-se. Mas, afinal de contas, qual a relevância de ler teatro hoje? "Preocupamo-nos em recuperar a dimensão da oralidade e do teatro radiofónico. A relação do texto com o teatro foi mudando ao longo dos tempos,



mas continua a ser uma pedra basilar e há mesmo quem prefira o texto lido do que representado", sustentam os criadores.

Um dos textos desta edição será lido por Miguel Sopas, actor e encenador, que ao receber o convite do festim para ser artista convidado, decidiu unir esforços com Joana Cotrim (que foi co-criadora) e Mariana Lobo Vaz. Em conjunto, vão ler *A Vénus em Peles*, de David Ives. "Fomos à procura de coração aberto e encontramos este texto que acaba por ser uma reflexão sobre a literatura, toca as questões de sexualidade e de erotismo e, sobretudo, comporta um jogo de poder muito teatral". Conta a história de Tomás, um dramaturgo em busca de uma

atriz para a sua peça, o que acaba por acontecer quando conhece Vanda numa das audições. "É teatro dentro de teatro e o texto funciona quase como tubo de ensaio e etapas de construção para ver se resulta ou não como espectáculo em palco", explica o artista.

Voltamos à importância do texto. A leitura partilhada pelo elenco é uma das fases primordiais no desenvolvimento de uma peça. O Esta Noite Grita-se devolve a importância desta dimensão, conferindo ao texto lido a potência do formato comunicativo e directo. "É um tipo de texto para ser lido em voz alta", salienta Rita Brito, atriz que nesta temporada lerá outro texto - *Menina Júlia*, de August

Strindberg. "Nunca fiz uma leitura interpretada, embora goste muito de ler em voz alta. É mais uma maneira de fazer os textos chegarem às pessoas e como não há encenação dá-se um espaço maior para ouvir e poder imaginar. O centro está naquelas palavras, não há forma de escapar a isso", afirma.

Acima de tudo, o texto, quando lido, abre uma janela de oportunidades. Entre as didascálias e deixas lidas pelos intérpretes, descobrem-se detalhes que muitas vezes nos escapam face a um dispositivo cénico. No teatro existem distrações, explicam os criadores do festim: há entradas e saídas de cena, cenários múltiplos e adereços, o burburinho da plateia, e até mesmo textos que não são apresentados tal como foram escritos. "[Ler em voz alta] devolve importância à palavra e aos silêncios que se fazem nas pausas. É estimulante para a imaginação das pessoas e potencia o gosto pela leitura e pela escrita", sugere Miguel Sopas. Além de *A Vénus em Peles* e *Menina Júlia*, vão ser lidos *Tutuagem*, de Dea Lober, e *Coragem de Mãe*, de George Tabori. É um novíssimo.

Tal como nas últimas três edições, o Esta Noite Grita-se lançou um concurso para o Prémio Nova Dramaturgia de Autoria Feminina, que pretende promover, reconhecer e divulgar a dramaturgia de autoria feminina em língua portuguesa. De acordo com o International Centre for Women Playwrights, organização que se dedica ao estímulo do trabalho das mulheres dramaturgas, 70% das peças produzidas anualmente no mundo são de autoria masculina.

Na edição de obras o número ainda desce mais - "em Portugal estimamos que menos de 15% dos textos editados sejam de mulheres", diz Filipe Abreu. Na senda de contribuir para a divulgação da dramaturgia escrita por mulheres, o festim seleciona três originais que entram depois numa fase de mentoria com os júris de cada edição e, no fim, atribui-se o prémio a um dos

textos que, para além de ser lido, é igualmente publicado em livro, numa parceria com a editora Douda Correria.

Este ano, a distinção calhou a *Tanque*, texto da jornalista e escritora Sofia Perpétua. Tendo como pano de fundo uma guerra, a peça segue a jornada de uma mulher que decide roubar um tanque do exército para ir em busca do seu irmão à frente de combate. A autora, que teve outrora o sonho de ser repórter de guerra, explica ter como inspiração os tempos actuais, mas também as reportagens na Guerra Civil Espanhola de Martha Gellhorn e o trabalho de Marie Colvin, que foi, precisamente, correspondente de guerra para o jornal britânico *The Sunday Times*, até à sua morte na Síria em 2012. Embora a primeira vez que tenha visto teatro tenha sido aos 23 anos, o encanto ficou. Quando entrosado com a escrita e o jornalismo, lançou-se ao desafio de escrever, dimensão que foi ganhando importância durante o confinamento, diz.

“O palco é um espaço de liberdade, eu gosto de imaginar o que é possível criar num palco, como transportar mundo interior, exterior, outras dimensões, às vezes tudo ao mesmo tempo, para aquele espaço, ao vivo”, sublinha.

Maravilhada pela sinergia que se cria no teatro, mas também pela importância das palavras, Sofia assume a escrita como uma forma de cruzar referências e interesses. “Num mundo onde estamos cada vez mais dispersos e onde nos tentam formatar a toda a hora, quero para mim o desafio de ser capaz de criar momentos de presença, é isso que me faz querer escrever para teatro”, sintetiza.

Por outro lado, Sofia acredita que o prémio pode ser um incentivo para muitas outras autoras, num sistema “ainda dominado por estruturas patriarcais”. “Se o mundo fosse perfeito não faria sentido haver prémios para mulheres ou para homens, mas não é isso que sucede. E numa sociedade como a portuguesa o grande perigo é acharmos que estamos muito avançados”, completa a autora. Acima de tudo, quer que a sua peça possa ser lida sem ser vista como uma obra escrita por uma mulher, o que por certo, pode caber ao teatro e a quem lê desconstruir esse velho estereótipo. “Quiçá para ser ouvido uma vez mais de olhos fechados, tal como numa audição de orquestra, em que não se vêem os intérpretes que vão à procura da sua oportunidade. Aí será apenas uma obra escrita por um autor”. Entre as mais de 130

candidaturas, o prémio é motivo de celebração, bem como um alerta para a discrepância que existe no mercado editorial e até mesmo no panorama artístico. “No futuro, além de publicarmos o texto em livro, temos o desejo de fazer com que estas peças vencedoras possam ser igualmente produzidas num palco”, diz Miguel Maia.

Para já, voltamos às leituras que abrem mundos e que são uma forma de olharmos para o presente, porventura de uma forma mais inclusiva e livre preconceitos. “Há pouca gente a ler teatro fora do meio, talvez porque está cheio de códigos, que nem sempre é fácil para as pessoas visualizarem”, completa Rita Brütt. Acaba por ser *food for thought*. Mas não é esse o teatro que interessa. “Estamos a oferecer um universo e, quanto menos fechado, mais interessante se torna”. No fim, que se lancem questões, e outras tantas que acompanhem as pessoas que acabaram de escutar umas destas peças. Uma coisa é certa, o código descodificou-se e as palavras agigantaram-se perante um teatro que também se enriquece pela forma como é dito e escutado. ■ → Vários locais. Até 14 Dez. 5€ (alguns eventos gratuitos)



Time Out Lisboa Outono 2023

E
Co
co
São
his
des
nun
perc
auto
globa
Euro
18-29 0

Um m

Em pa
da trag
conhec
perante
assina o
avisam-
“podemo
sua tagar
alguém é
matar cria
crianças e
nossos filh
25 Out-5 Nov, Q

FOTOGRAFIA: COMPARTILHE GANS LE VENTRE
FOTOGRAFIA: MÓNICA GONCALVES